



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

CINEMA NAS ESCOLAS CONFSSIONAIS: CULTURA E HABITUS

Raquel Costa Santos*
(UESB)

Milene de Cássia Silveira Gusmão**
(UESB)

INTRODUÇÃO

Apresentado à sociedade francesa em 1895, o cinema, no início, chegou a ser considerado apenas uma novidade científica, ligada mais a feiras de variedades e parques de diversão. Foi um italiano, residente na França, Riccioto Canudo, um dos iniciadores da teoria cinematográfica, que identificou e denominou o cinema como sétima arte, e pouco tempo depois, a sociedade do século XX vivenciaria o desenvolvimento de uma poderosa indústria, a sua difusão como meio de comunicação de massas e uma importante prática que marcou intensamente a sociabilidade nesse século.

O potencial simbólico, educativo e agregador do cinema foi percebido pelas mais diversas instâncias sociais em todo o mundo, como governos e instituições. Uma das mais sistematizadas utilizações foi feita pela Igreja Católica, e este é o prisma sob o qual se desenvolve este trabalho, no que concerne, mais especificamente, a práticas cineclubistas nas escolas confessionais baianas, na década de 50. Analisar a influência que essas práticas tiveram na formação cultural de personagens de uma geração de realizadores da área é o objetivo deste trabalho de pesquisa, que está em andamento e

* Técnica administrativa em Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Graduada em Comunicação Social-Jornalismo pela Uesb; especialista em Educação, Cultura e Memória também pela Uesb; e mestranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Uesb. E-mail: raquelcosta@uesb.br.

** Orientadora, coordenadora do grupo Cultura, memória e desenvolvimento, mcs Gusmao@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

visa à dissertação do mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

Com a difusão industrial do cinema a partir da década de 20 nos Estados Unidos, a Igreja, a princípio, atribuiu uma importância que, segundo Alcântara (2005), era justificada por ele ter sido visto como o maior concorrente profano da instituição. Decorreu daí uma série de mobilizações contra aquela ameaça simbólica, passando pela criação de leis e órgãos de censura. Mas, ao tempo em que, nos Estados Unidos, uma grande mobilização justificava-se pelo intuito de livrar os americanos da lascívia do cinema, a Igreja, em seu pontificado europeu, por um lado reconhecia o potencial educativo, moral e moralizador desse meio e, por outro, buscava formar elites que o utilizassem devidamente e pudesse orientar/evangelizar, reafirmando a sua autoridade no domínio simbólico.

Em junho de 1936, o Papa Pio XI promulgou a Vigilanti Cura, a primeira encíclica que se dirigiu a toda a hierarquia católica ocupando-se particularmente do cinema. Antes disso, em audiência com delegados do Congresso Internacional da Imprensa Cinematográfica, em abril de 1936, o papa exortava todas as pessoas de boa vontade para que se esforçassem com todos os poderes e meios a fim de que o cinema pudesse converter-se verdadeiramente num coeficiente precioso de instrução e de educação, e não de destruição, de ruína para as almas.

Ainda antes, em 1928, a Igreja havia instituído, em Bruxelas, na Bélgica, a Organização Católica Internacional do Cinema e do Audiovisual (Ociac), que chegou ao Brasil no ano de 1952, em Minas Gerais, com o intuito de realizar cursos e seminários e estimular a criação de cineclubes nas instituições ligadas à Igreja. Ressalta-se que, de 1916 a 1955, a Igreja estava em um movimento de implementação de reformas, a neocristandade, para a qual deveriam colaborar tanto o cinema e os outros meios de comunicação como o sistema educacional.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Assim, pode-se considerar que era importante não uma educação aleatória, mas sim focada em fins de formação de elites esclarecidas, que pudessem, por sua vez, estar aptas a cooperar com as propostas da Igreja. Isso é identificado na segunda encíclica papal que aborda o cinema (além de tratar do rádio e da televisão), a *Miranda Prorsus*, promulgada pelo Papa Pio XII, em setembro de 1957. A carta trata, dentre outros pontos, dos profissionais da área de cinema, e atribui “as mais graves responsabilidades” aos produtores e diretores.

Então, partindo-se do projeto histórico de utilização da imagem como elemento simbólico pela Igreja e chegando-se a trajetórias individuais e coletivas cujos indícios apontam para uma matriz nas escolas confessionais, as ações são aqui relacionadas a um processo de transmissão/reprodução cultural. Para tal reflexão, faz-se necessário, em primeiro lugar, entender a cultura sob dois aspectos, que estão relacionados às duas principais posturas teóricas clássicas segundo as quais a categoria cultura é estabelecida. De um lado, autores como Durkheim consideram a cultura – e todos os sistemas simbólicos, como a arte, o mito, a linguagem – como instrumento de comunicação e conhecimento responsável pelo consenso quanto ao significado dos signos e do mundo. De outro lado, a cultura e os sistemas simbólicos são considerados como instrumentos de poder, de legitimação da ordem vigente, como para a tradição marxista e para Max Weber.

A perspectiva aqui adotada segue a compatibilização das contribuições desenvolvida por Pierre Bourdieu, ao retificar a teoria do consenso por uma concepção reveladora das condições materiais e institucionais fundamentais à criação e à transformação de aparelhos de produção simbólica cujos bens deixam de ser vistos como meros instrumentos de comunicação e/ou conhecimento. Assim, a cultura produz e inculca uma realidade simbólica que ordena o mundo natural e social por meio de discursos, mensagens e representações e opera, ao mesmo tempo, uma função



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

ideológica e política que legitima um determinado sistema de dominação (MICELI. Prefácio In BOURDIEU. 2004).

Soma-se a essa concepção, a compreensão de Bourdieu segundo a qual esse processo de reprodução cultural estaria intrinsecamente relacionado a um habitus, ou seja, um sistema de disposições socialmente constituído, que se localizaria entre a posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos transportam com eles em todo tempo e lugar (BOURDIEU. 2003: 67). As disposições são adquiridas por uma série de modos de vida particulares, inscrevem-se numa classe ou grupo social, caracterizando-os em relação a outros que não partilham as mesmas condições sociais. E o habitus de um determinado grupo garante a homogeneização dos gostos, sem, no entanto, anular as variantes individuais, e distingue o grupo dos demais. Essas variantes, como são compreendidas por Bourdieu, revela a singularidade da posição no interior do grupo, e o habitus, a singularidade do grupo, resguardadas as mobilidades pela trajetória social (CUCHE. 2002).

Esse conjunto de disposições também é analisado por Clifford Geertz (1989), ao tratar da religião como sistema cultural. Para o autor, as tendências, capacidades, propensões, habilidade, hábitos, compromissos e inclinações, que representam as disposições, são induzidas pelos símbolos e emprestam um caráter crônico ao fluxo da atividade dos indivíduos e à qualidade das experiências. Tomando a definição de Geertz segundo a qual os símbolos (ou elementos simbólicos) são “formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de idéias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças”, inscreve-se, nesta análise, a imagem, e, posteriormente, o cinema, como forma simbólica apropriada pela Igreja com justificativas que se encerram no fim da “educação do espírito”.

Essas duas contribuições, uma analisando a reprodução cultural a partir da escola, e a outra a religião como sistema cultural, são aqui associadas para analisar a utilização do cinema nas escolas confessionais, tendo essas escolas como matrizes de



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

percepção e formação. A noção de matrizes é relacionada ao que Martin-Barbero chama de gramáticas gerativas de saberes narrativos, hábitos e técnicas expressivas, que, ao longo dos processos históricos “dão lugar a uma topografia de discursos movediça, cuja mobilidade provém tanto das mudanças do capital e das transformações tecnológicas como do movimento permanente das intertextualidades e intermedialidades que alimentam os diferentes gêneros e os diferentes meios” (MARTÍN-BARBERO. 2001).

Essa espécie de matriz cultural ofereceria a competência cultural para apropriação do cinema como bem simbólico e base para a formação do habitus, conforme percebido a partir de algumas trajetórias que apontam para a hipótese de que as ações da Igreja influenciaram vivências posteriores individuais e coletivas relacionadas a cinema. A pesquisa já identificou alguns exemplos, como Guido Araújo e Orlando Senna, que estudaram em escolas como o Colégio Marista São Francisco e o colégio jesuíta Antônio Vieira, onde participavam de atividades de cinefóruns, por exemplo, e tornaram-se importantes personagens da cultura cinematográfica e cineclubista baiana e nacional.

Essas personagens e suas narrativas inscrevem-se no conjunto de fontes da pesquisa, que se trata, antes de tudo, de um trabalho de memória, na medida em que lida com a lembrança e, mais que isso, com o esquecimento. Também entram como ferramentas de investigação empírica jornais, revistas e fotografias produzidas no período em questão e em períodos anteriores ou posteriores que informem alguma relação Igreja-cinema-cineclubismo. Ainda devem ser utilizados documentos da e sobre a Igreja e as ações nas áreas de educação e cinema, sobretudo os que as relacionam. É preciso, neste caso, ter as fontes também como objeto, na medida em que questionamos por que determinado enunciado e não outro. Portanto, a construção não deve ser meramente descritiva, mas também analítica.

Na Teoria Social, além dos autores citados, outros como Maurice Halbwachs e Henri Bergson vão ajudar a compreender como se estabelecem as autoridades



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

mnemônicas, ou seja, como determinados atores são socialmente legitimados a representar a memória em determinado campo. Em termos gerais, a perspectiva é de integrar predominantemente a teoria com os elementos localizados em campo empírico, que será a cidade de Salvador, podendo estender-se a outras na Bahia onde seja detectada a importância da investigação.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Maria Aparecida Beldi de. Cinema, Quantos Demônios. São Paulo, 1990. Disponível em www.imaginario.com.br/artigo/a0001_a0030/a0017.shtml. Acesso em 19/12/2005.
- ARAÚJO, Guido. A história da Jornada de Cinema da Bahia. Salvador, 2001. Disponível em: <http://www.ufba.br/~ofichis>. Acesso em 23/10/2002.
- BARROS, José Tavares de (org). Imagens da América Latina. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- _____. Uma jangada na Bahia, *Jornal da Jornada*. Salvador, setembro/2003, p.3.
- BATISTA, Djalma Limongi. O cinema à luz do cordeiro de Deus, *Revista Cineclubebrazil*. São Paulo, nº 3, 2004, p. 8.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. Escritos de Educação. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002.
- DARIVA, Noemi (org). Comunicação Social na Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- MICELI, Sergio. Introdução in BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ORTIZ, Renato (org.). A sociologia de Pierre Bourdieu. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- RIOS, Nelson. Entrevista com Guido Araújo, *Revista da Bahia: 100 anos de Cinema na Bahia*. Bahia: Secretaria de Cultura e Turismo do Governo do estado da Bahia e Empresa Gráfica da Bahia, 1996, v. 32, nº 25, p. 101-117.
- SENNA, Orlando. Entrevista: um cineclubista no poder, *Revista Cineclubebrazil*. São Paulo, nº 3, 2004, p. 22.
- SAMPAIO, João Carlos. E a Bahia respirou cinema, *Revista da Bahia: 100 anos de Cinema na Bahia*. Bahia: Secretaria de Cultura e Turismo do Governo do estado da Bahia e Empresa Gráfica da Bahia, 1996, v. 32, nº 25, p. 8-19.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

SETARO, André. O passado não perdoa. Salvador, 2000. Disponível em: <http://www.coisadecinema.com.br>. Acesso em 23/10/2002.

_____. Bahia Cinema: 65-71, nascimento do surto contracultural, Revista da Bahia: 100 anos de Cinema na Bahia. Bahia: Secretaria de Cultura e Turismo do Governo do estado da Bahia e Empresa Gráfica da Bahia, 1996, v. 32, nº 25, p. 20-43.

TURNER, Graeme. Cinema como prática social. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.